



ACOMPANHAMENTO À SALA DE AULA: INTERVENÇÕES DOCENTES E AGRUPAMENTOS PRODUTIVOS

Julia Hirsberg Ferreira Corsi ¹

Larissa Pereira Conceição ²

Pedro Brito Alves ³

Leda Macedo de Souza ⁴

Giovana Cristina Zen ⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a prática docente de estudantes de graduação no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UFBA), subprojeto Alfabetização. Antes de iniciar as atividades na escola, os 24 bolsistas participaram de estudos sobre a perspectiva psicogenética construtivista de alfabetização, elaborando propostas de intervenção sob orientação das docentes coformadoras, e da coordenadora de área. A greve de 74 dias da rede municipal impediu a frequência regular à escola nos primeiros meses, o que possibilitou o aprofundamento teórico sobre o processo de aquisição da escrita segundo Emília Ferreira e a elaboração de materiais e sequências didáticas. Com o retorno das aulas, as intervenções passaram a ser realizadas semanalmente. As ações ocorreram na Escola Municipal Casa da Providência, em Salvador/Bahia, e partiram da identificação dos conhecimentos prévios das crianças sobre o sistema de escrita. Com base nesse levantamento, desenvolveram-se situações didáticas contextualizadas e reflexivas. As estratégias priorizaram intervenções docentes intencionais e o uso de agrupamentos produtivos para promover avanços nas conceitualizações sobre a escrita de todas as crianças. Os agrupamentos foram organizados de acordo com as diferentes hipóteses das crianças, formando pares ou pequenos grupos que favorecessem a troca de saberes e a reflexão sobre a escrita. A mediação docente buscou propor desafios adequados, incentivar a verbalização de estratégias e valorizar as tentativas, compreendendo o erro como parte do processo construtivo. Fundamentado na perspectiva psicogenética construtivista, o trabalho respeitou o ritmo individual e criou situações que provocassem avanços conceituais. Os resultados evidenciaram que o acompanhamento sistemático, aliado ao uso de agrupamentos produtivos e a um planejamento intencional, favorece a aprendizagem da leitura e da escrita, ao mesmo tempo em que oferece aos bolsistas experiência prática articulada à teoria e reflexão crítica sobre a atuação docente.

¹Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, julia.hirsberg@ufba.br;

² Graduada do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, larissa131928@gmail.com;

³ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, pedrobraves10@gmail.com;

⁴ Professora da Rede Municipal de Salvador, pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com Ênfase em Alfabetização e co-formadora do PIBID, ledamacedo2009@gmail.com;

⁵ Giovana Cristina Zen, professora doutora da Universidade Federal da Bahia e coordenadora de área do PIBID Alfabetização; giovanacristinazen@gmail.com;





Palavras-chave: Intervenções didáticas, Agrupamentos produtivos, Psicogenética.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência resulta das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UFBA), subprojeto Alfabetização, realizado na Escola Municipal Casa da Providência, em Salvador/BA. O trabalho teve como objetivo acompanhar e direcionar o processo de alfabetização de turmas do 1º ano do ensino fundamental a partir da perspectiva psicogenética construtivista de alfabetização. Tal perspectiva formulada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky durante a década de 70 rompe com a ideia de a língua escrita ser um mero código de transcrição dos sons em letras, entendendo a mesma como um sistema de representação da linguagem. Desta maneira, a aprendizagem do sistema da escrita não envolve somente o estabelecimento de correlações lineares entre sons e letras/ou sílabas, pois a constituição dessa habilidade está imbricada com o estabelecimento da construção de um significado, de um conceito, (que é situado histórica e socialmente e, portanto, não é algo estático). Neste sentido, aprender a ler envolve apropriar-se de um sistema de interpretação, o que torna imprescindível a elaboração intelectual do sujeito aprendente. Tal abordagem traz consequências diretas ao se pensar a aprendizagem, conforme evidencia Ferreiro:

A consequência última desta dicotomia se exprime em termos ainda mais dramáticos: se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica, se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, uma aprendizagem conceitual. (FERREIRO, 2011, p. 19)

E de acordo com Zen:

Alfabetizar significa problematizar o que os estudantes já sabem e oferecer as condições didáticas necessárias para que comparem escritas semelhantes, revisem as próprias produções e ampliem o repertório de informações sobre como se escreve. Para isto, é inquestionável que os professores conheçam, à luz do marco psicogenético, o que pensam sobre a escrita e os desafios que precisam enfrentar para avançar em suas conceitualizações. Por esta razão, rechaçamos um ensino explícito e diretivo, comprometido apenas em estabelecer relações lineares entre letras e sons. A partir das contribuições da perspectiva construtivista





psicogenética, consideramos que a atuação reflexiva e contextualizada do estudante é uma condição didática a qual não se pode renunciar. Para isto, é preciso que a problematização sobre o que se pensa seja a tônica principal da intervenção docente. (ZEN, 2023, p. 6)

Desta forma, o trabalho objetivou também a formação docente dos bolsistas voltada para uma perspectiva de alfabetização contextualizada e reflexiva (ZEN, 2023) que os possibilitasse fazer boas intervenções docentes, percebendo e validando o conhecimento que as crianças já tinham sobre o sistema de escrita e problematizando para que as mesmas refletissem sobre língua escrita e assim avançassem em suas conceitualizações. As atividades na Escola Municipal Casa da Providência foram realizadas entre abril e outubro de 2025, período que foi entrecortado por uma greve de 74 dias na rede municipal. Desde o início do PIBID em dezembro de 2024, o grupo do subprojeto Alfabetização se reúne semanalmente para discutir os estudos teóricos sobre a perspectiva psicogenética construtivista da alfabetização e planejar coletivamente as atividades a serem realizadas na escola, o que tem sido fundamental para a organização do trabalho e apropriação frente à perspectiva teórica requerida.

Este relato busca, portanto, refletir sobre as aprendizagens construídas por bolsistas e crianças, articulando teoria e prática na formação docente. Dentre as propostas discutidas e realizadas durante esse período destacamos a preparação de plano de aulas, o mural de preferências, a roda de leitura como uma atividade permanente a ser realizada durante o ano letivo, a implementação da biblioteca de classe (este dispôs de várias etapas com situações didáticas de leitura e escrita por parte dos alunos), o acompanhamento por cada bolsista das produções escritas de duas crianças selecionadas, além de planos de aulas e proposições didáticas feitas individualmente por cada bolsista. Em algumas dessas atividades, foi intencionado o trabalho com agrupamentos produtivos como forma de estimular a cooperação e avanço mútuo das crianças em relação ao sistema escrito.

METODOLOGIA

A metodologia adotada seguiu os princípios do trabalho colaborativo entre universidade e escola, orientado pela perspectiva construtivista psicogenética, com base nos estudos de Emília Ferreira (1985), que compreende o processo de alfabetização como uma construção em que o sujeito é um agente ativo sobre o sistema de escrita. O início das atividades na escola foi um pouco fragmentado, devido inicialmente à demora na liberação dos seguros por parte da prefeitura, de forma que os bolsistas só puderam adentrar o espaço escolar mais de dois meses após o início do ano letivo. Somado a tal fato, menos de um mês após a liberação da ida dos bolsistas à escola, houve a deflagração da greve dos professores



que durou 74 dias. Desse modo, o trabalho de uma forma mais consistente e direcionada, de acordo com o que vinha se planejando nos encontros formativos semanais, só foi possível começar de fato em meados de junho.

Contudo, apesar de pouco ter sido possível a ida à escola nos primeiros meses, este foi um período importante para os bolsistas irem se apropriando da fundamentação teórica e das discussões relativas ao campo da alfabetização.

Nos encontros formativos semanais discutimos sobre os diferentes métodos e abordagens de alfabetização, comparando as suas divergências, mas também algumas aproximações quando possível. Foi discutido também em que consiste uma boa atividade alfabetizadora de acordo com a perspectiva psicogenética, analisando diversos exemplos de atividades propostas em livros didáticos e outros materiais. Um outro ponto importante abordado foi sobre como fazer o acompanhamento do nível de conceitualização da escrita em que as crianças estão, chamando atenção para o que envolve o processo de avaliação e criticando a simples proposição de testes diagnósticos que objetivam a metrificação do ensino que se dizem baseados na abordagem psicogenética construtivista, mas que na prática são descontextualizados e esvaziados.

A partir de tais discussões, os bolsistas foram orientados a preparar planos de aula e elaborar situações didáticas contextualizadas, conforme Molinari (2021), que propõe o ensino da leitura e da escrita devem estar articuladas com as práticas culturais, sendo o papel da escola preservar o sentido que essas práticas têm fora dela. Molinari retoma Lerner (LERNER, 2002, *apud* MOLINARI, 2021), ao afirmar que “o grande propósito educativo do ensino da leitura e da escrita no curso da educação obrigatória é o de incorporar as crianças à comunidade de leitores e escritores e o de formar os alunos como cidadãos da cultura escrita” (LERNER, 2002, p. 24).

Uma proposta didática sugerida por uma das bolsistas após o retorno da greve foi a realização de uma **lista coletiva em diferentes categorias** que surgiu a partir do trabalho de intervenção e observação docente das hipóteses de escrita das crianças com o objetivo de promover a reflexão sobre o sistema alfabético permitindo que as crianças experimentassem diferentes estratégias de escrita em grupos comparando hipóteses e discutindo suas produções escritas entre si.

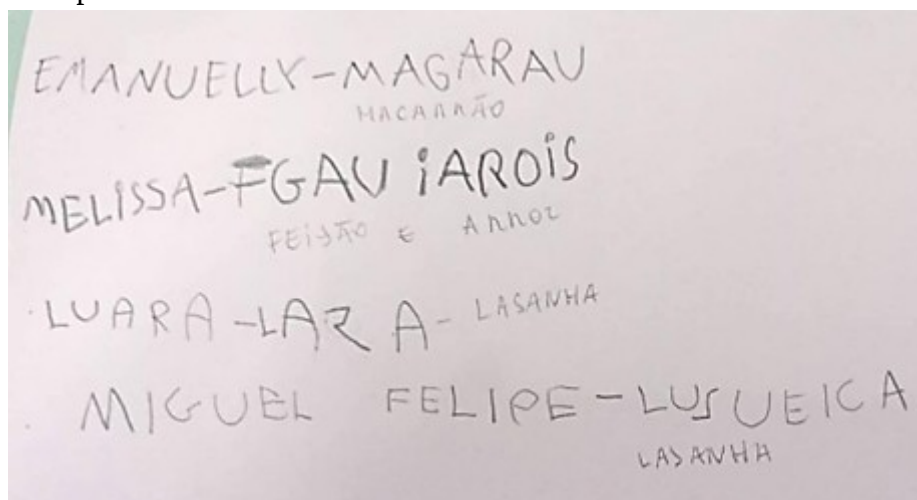
Desta forma, a atividade “Lista coletiva em diferentes categorias” foi realizada com 21 crianças do ciclo de alfabetização, organizadas em cinco grupos, segundo hipóteses de escrita aproximadas. Em cada grupo, havia alunos em níveis aproximados de escrita. Essa foi uma das estratégias utilizadas para favorecer a interação e comunicação entre pares em diferentes níveis para promover a reflexão sobre o sistema de escrita.

A proposta consistiu na produção de um mural organizado em categorias comuns do cotidiano, como *comida favorita*, *brinquedo favorito*, *animal favorito*, *brincadeira favorita* e *cor favorita*. Cada grupo recebeu folhas de papel ofício colorido para registrar coletivamente suas escolhas, escrevendo os seus nomes e as palavras correspondentes ao tema, logo depois



colamos as produções na cartolina para exposição do mural na própria sala. Durante a atividade, a professora co-formadora e os estudantes bolsistas intervieram mediando as discussões, incentivando os alunos à reflexão das suas produções escritas, orientando a busca de soluções próprias e a comparar hipóteses, sem o fornecimento de respostas prontas.

Destaca-se o **Grupo I**, composto por Emanuely, Melissa, Luara e Miguel, que apresentou um envolvimento maior durante a produção da categoria *comida*, questionando e justificando as suas escolhas quanto à atividade. Essa troca mostrou-se significativa para as crianças, pois a interação entre pares em níveis próximos de hipótese de escrita, demonstra a capacidade de antecipar, comparar e revisar suas produções, o *interjogo* da leitura e escrita mencionado por Molinari.



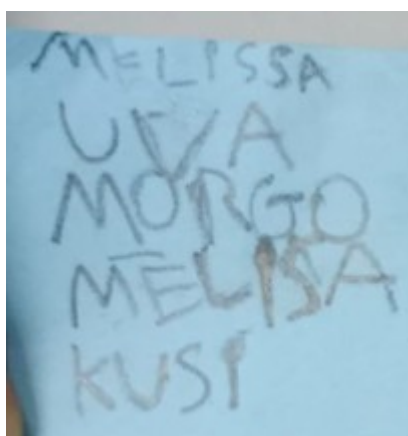
Durante a atividade, as crianças realizaram tentativas de leitura das categorias já impressas, mobilizando entre elas estratégias de antecipação e verificação, um movimento cognitivo fundamental na alfabetização inicial. Essa dinâmica permitiu que as crianças confrontassem suas hipóteses de escrita. Nas produções, observam-se escritas como MAGARAU (macarrão), FGAU IAROIS (feijão e arroz) LAZA (lasanha) e LUSUEICA (lasanha), que revelam os avanços significativos no processo de escrita. Essas tentativas evidenciam, que as crianças já consideram os aspectos sonoros da palavra e tentam representá-los graficamente, ainda que não dominem as convenções ortográficas. Essa semelhança foi notada por Emanuely, ao reconhecer similaridades entre *brinquedo* e *brincadeira*, lendo uma palavra a partir da outra. Assim, o trabalho do Grupo I evidencia a relevância dos agrupamentos produtivos como espaços de diálogo e construção coletiva, onde o professor atua como mediador, favorecendo a reflexão sobre a escrita e ampliando a autonomia das crianças.

Em um momento posterior, a aluna Melissa produziu uma lista de forma espontânea das suas frutas favoritas. A atividade surgiu do desejo dela de mostrar à família o quanto tem avançado em suas produções escritas. Foi solicitado a mesma a leitura em voz



alta, pautando cada palavra. Logo depois, Melissa pediu que a professora lesse o que havia escrito, demonstrando interesse em verificar se o seu texto estava compreensível para os outros – um comportamento que indica a reflexão sobre o ato de escrever. Na produção, observam-se as palavras: *UVA* (uva), *MORGO* (morango), *MELISA* (melancia) e *KUSF* (kiwi). Essa escrita revela correspondências sonoras e conceitualizações próprias sobre o funcionamento do sistema alfabético, mostrando que Melissa busca representar graficamente o que identifica na fala, indicando que o processo de alfabetização deve ser considerado como um processo construtivo conceitual, e não como um conjunto de acertos ou erros de escrita.

Além disso, o ato de Melissa de escrever para um destinatário específico e de solicitar a leitura de seu texto para confirmar o que havia escrito revela o que Molinari (2021, p. 10) denomina “comportamento de escritora” – ou seja, o ato de considerar o público a quem se destina a produção, planejar o que será escrito e revisar o próprio texto a partir da interação com o outro. Nesse sentido, a escrita de Melissa traduz a ideia de que o ensino da leitura e da escrita deve ser concebido, portanto, como o ensino de práticas culturais (MOLINARI, 2021, p. 9), inserindo as crianças em situações reais de uso da língua, nas quais ler e escrever possuem sentido social histórico.



REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho fundamenta-se na perspectiva psicogenética construtivista de alfabetização, formulada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a partir das contribuições de Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo. Essa abordagem compreende a escrita como um objeto de conhecimento que a criança reconstrói progressivamente, formulando hipóteses e testando-as em situações significativas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Segundo Piaget (1978), o conhecimento é construído pela interação entre sujeito e meio, num processo contínuo de equilíbrio. Assim, a alfabetização é vista como um percurso de elaboração ativa, em que a intervenção do professor deve se dar de forma intencional, respeitando o ritmo individual, mas provocando desequilíbrios que conduzam a novos níveis de compreensão.





Em “O ingresso nas culturas da escrita”, Ferreiro (2001) aprofunda sua reflexão sobre o processo de alfabetização, situando-o em uma dimensão sociocultural. A autora destaca que o aprender a ler e escrever não se reduz à decodificação de signos gráficos, mas envolve a inserção das crianças em práticas sociais de uso da escrita. Alfabetizar, nesse sentido, é também introduzir o sujeito nas culturas da escrita, possibilitando que compreenda seus diferentes usos, funções e valores simbólicos. Essa ampliação do conceito de alfabetização exige do educador uma prática que articule o caráter construtivo e o caráter social da escrita, criando situações em que as crianças possam atribuir sentido às atividades e reconhecer-se como sujeitos produtores de linguagem.

Além das contribuições clássicas de Ferreiro, Teberosky e Piaget, as reflexões sistematizadas por Giovana Cristina Zen (Rede Latino-Americana de Alfabetização – REDALF), presentes no Fascículo 1 do Percorso Formativo 'Alfabetização contextualizada e reflexiva' (BRASIL, Ministério da Educação, 2025), reforçam a importância da articulação entre as quatro situações didáticas e das modalidades organizativas. Zen destaca que a progressão nas conceitualizações sobre o sistema de escrita se dá quando a prática docente oferece situações para que as crianças escrevam por si mesmas, confrontem hipóteses e se beneficiem da mediação intencional, sobretudo por meio de agrupamentos produtivos que favoreçam a troca e a reflexão coletiva (ZEN, 2025).

Essa fundamentação teórica orientou o planejamento e a análise das intervenções, buscando compreender as aprendizagens das crianças não apenas como resultados, mas como processos cognitivos em movimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram que o acompanhamento sistemático e o uso de agrupamentos produtivos potencializaram a aprendizagem das crianças e o aprofundamento das reflexões sobre alfabetização dos bolsistas. Durante as intervenções, observou-se que as crianças avançaram em suas conceitualizações sobre o sistema de escrita ao confrontar suas produções com os colegas.

As intervenções docentes mostraram-se eficazes quando pautadas em perguntas desafiadoras e na valorização do erro como etapa do processo construtivo. Essa postura, inspirada na teoria piagetiana, promoveu um ambiente de aprendizagem cooperativo e investigativo, em que a curiosidade das crianças foi o carro chefe das descobertas.

Os bolsistas relataram ter desenvolvido maior sensibilidade para observar as hipóteses das crianças e planejar intervenções adequadas. As reuniões formativas semanais possibilitaram a reflexão crítica sobre a prática, fortalecendo a articulação entre teoria e ação docente. Essa vivência formativa reafirma o papel do PIBID como espaço de experimentação pedagógica e de construção coletiva de saberes sobre alfabetização.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada permitiu compreender que o acompanhamento intencional à sala de aula, aliado ao trabalho com agrupamentos produtivos, constitui uma estratégia potente para o avanço das aprendizagens na alfabetização. A mediação docente, fundamentada na escuta, no desafio cognitivo e na valorização dos processos individuais, mostrou-se essencial para a construção do conhecimento sobre o sistema de escrita.

Para os bolsistas, a vivência proporcionou uma formação docente ancorada na prática reflexiva e fundamentada teoricamente. A articulação entre universidade e escola básica, promovida pelo PIBID, revelou-se um espaço fecundo para o exercício da docência crítica e investigativa, em sintonia com as demandas reais da alfabetização escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **O ingresso nas culturas da escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. In: _____. **Reflexões sobre alfabetização**. 26ª ed. São Paulo: Cortez, 2011 - (Coleção questões de nossa época, v. 6, p. 13-42)

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ZEN, Giovana Cristina; BODÊ, Marliza de Moraes (coord.). **Alfabetização contextualizada e reflexiva: percurso formativo para 1º e 2º anos: fascículo 1**, Compromisso Nacional da Criança Alfabetizada, Ministério da Educação, Brasil: Editora CEAD, 2025. PDF. Disponível em: [Fascículos Alfabetização Contextualizada e Reflexiva 1º e 2º anos](#). Acesso em: 04 out. 2025.

ZEN, Giovana Cristina. **Intervenção docente: por um ensino contextualizado e reflexivo**. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e14121, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.14121. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/16290>. Acesso em: 6 out. 2025.

